

FAZERES POÉTICOS EM MANOEL DE BARROS E PEDRO CASALDÁLIGA

Danglei de Castro Pereira¹
Adriana Lins Precioso²

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de divulgar a arte poética de dois escritores que produzem em contextos muito semelhantes, o Mato Grosso do Sul e o Mato Grosso, Manoel de Barros e Pedro Casaldáliga, contudo, aparentemente, por meio de vozes dissonantes, o primeiro na evocação do nada, do supérfluo e da ignorância e o segundo, pelo viés do engajamento social e religioso. Pretende-se revelar que na aparente dialética promovida pelos poetas, há um ponto de consenso entre ambos, o desejo de desautomatizar o homem, de retirá-lo da sua rotina e promover um novo e encantado e crítico olhar para si mesmo e para o mundo ao seu redor. Para isso, foram selecionados três poemas de cada escritor de variadas obras para que se possa apresentar este diálogo aproximativo através do fazer poético de cada um. Essa pesquisa faz parte dos resultados parciais no desenvolvimento da pesquisa do pós-doutorado iniciada em junho de 2017, tendo como supervisor o Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira.

Palavras-chave: Poética, Manoel de Barro, Pedro Casaldáliga.

Contextos

Em 11 de outubro de 1977, o estado de Mato Grosso foi dividido e criou-se o estado do Mato Grosso do Sul pelo então presidente Ernesto Geisel, comandante da ditadura militar que governava o Brasil desde 1964. Em 1979, efetivou-se a divisão dessa nova unidade federativa. Não há um consenso a respeito dos motivos que levaram o governo militar a impor a divisão do estado, sem consulta à população.

¹ Coordenador do UNB – PÓSLIT – Programa de Pós-graduação em Literatura - UNB – PÓSLIT - Brasília – DF – Brasil - Supervisor do Pós-Doutorado. danglei@terra.com.br

² Professora da UNEMAT – Câmpus de Sinop - FAEL – Faculdade de Educação e Linguagem – Curso de Letras / UNB – PÓSLIT – Programa de Pós-graduação em Literatura Brasília – DF – Brasil – (Estágio de Pós-Doutorado) Bolsista CAPES. adrianaprecioso@unemat.br

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê: “*Incrocí: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”, Sinop, v. 11, n. 25, p. 74-91, junho, 2018.

A historiadora Marisa Bitar considera algumas motivos sobre essa imposição: “a) Impulsionar o desenvolvimento regional e a ocupação territorial; b) Fortalecer as fronteiras locais com a Bolívia e o Paraguai; c) Manter uma melhor relação política com o partido da ditadura, o Arena, ampliando a sua base de apoio por meio da criação de mais uma seção³”.

Os apoiadores da divisão argumentavam a favor de uma perspectiva de maior desenvolvido para o sul do estado, uma vez que a capital Cuiabá estava muito distante e não fornecia os investimentos necessários para o desenvolvimento daquela região. Já as críticas se pautavam na ausência de consulta pública e na evidência de uma ação política sem planejamento.

Fato é que a extensão territorial de Mato Grosso somado ao Mato Grosso do Sul equivale a uma extensão continental. Se fizermos a comparação entre o total de áreas, o Mato Grosso do Sul soma 351.125 km², o Mato Grosso possui 903.357 km², já a Itália inteira tem 301.338 km². Na extensão onde se encontram os dois estados apresenta-se três diferentes biomas com suas características próprias e que demarcam os aspectos e as características sociais, econômicos e culturais de cada região.

O Pantanal é considerado uma área de transição entre a Amazônia e o Cerrado. Possui uma rica hidrografia e uma vegetação complexa entre áreas secas e alagadas. Após a divisão dos estados, o Mato Grosso do Sul ficou basicamente com o bioma do Pantanal. Seguem abaixo algumas imagens do pantanal sul-mato-grossense:



Figura 1⁴: Tuiuiu

³ Ver site: <http://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/mato-grosso-sulfundacao.htm> - Visitado em 12 de julho de 2017.

⁴ Verificar site:

<https://www.google.com.br/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fgirandomundo.files.wordpress.com%2F2011%2F08%2Fjaburu-45322->

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”, Sinop, v. 11, n. 25, p. 74-91, junho, 2018.



Figura 2⁵: Jacaré



Figura 3⁶: Área alagada com a planta nativa chamada Vitória Régia

72.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fgirandomundo.wordpress.com%2F2011%2F08%2F04%2Fpantanal-mato-grossense%2F&docid=Vbn3UUep-gYeRM&tbnid=IuEefItlNviAAM%3A&vet=10ahUKEwjh8Oz0y4TVAhXDjpAKHZgsC8MQMwguKAKwCQ..i&w=700&h=467&bih=620&biw=1352&q=animal%20s%C3%ADmbolo%20do%20pantanal%20matogrossense&ved=0ahUKEwjh8Oz0y4TVAhXDjpAKHZgsC8MQMwguKAKwCQ&iact=mrc&uact=8 - Visitado em 12/07/2017.

⁵<https://www.google.com.br/search?q=animal+s%C3%ADmbolo+do+pantanal+matogrossense&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjXxv3ty4TVAhXFEZAKHdBVDwkQsAQIOg&biw=1352&bih=620#imgrc=zAv3KXIHpR7meM>: - Visitado em 12/07/2017.

⁶https://www.google.com.br/search?q=pantanal+matogrossense&source=Inms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwiF4IDny4TVAhXBHpAKHYnrDQ8Q_AUIBigB&biw=1352&bih=620#imgrc=RMiSUDpqjIJhcM: - Visitado em 12/07/2017.

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”, Sinop, v. 11, n. 25, p. 74-91, junho, 2018.

O Cerrado é diferente, assemelha-se a concepção internacional de savana. Tem uma certa aparência desértica, com uma vegetação gramínea e com árvores esparsas e arbustos isolados. Há uma alteração entre planícies e planaltos com morros distribuídos com o mesmo tipo de vegetação.



Figura 5⁷: Ipê amarelo



Figura 6⁸: vegetação típica do cerrado

⁷https://www.google.com.br/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fwww.greenme.com.br%2Fimages%2Finformar-se%2Fbiodiversidade%2Fcerrado_copia.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.greenme.com.br%2Finformar-se%2Fbiodiversidade%2F5221-cerrado-bioma-que-abastece-de-agua&docid=QffURJcIc1Jw6M&tbid=d8srzrwkZiqHCM%3A&vet=10ahUKEwi4p6j9zYTVAhWD15AKHaoJDpMQMwhtKAYwBg..i&w=600&h=309&bih=620&biw=1352&q=cerrado&ved=0ahUKEwi4p6j9zYTVAhWD15AKHaoJDpMQMwhtKAYwBg&iact=mrc&uact

⁸<https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fcerradoeditora.com.br%2Fcerrado%2Fwp-content%2Fuploads%2F2015%2F12%2Fcerrado-brigada-incendio-voluntaria-reduz-queimadas->

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”, Sinop, v. 11, n. 25, p. 74-91, junho, 2018.

Os animais do cerrado mato-grossense são, em sua maioria, animais rasteiros, aves variadas e de pequeno porte.



Figura 7⁹: Capivaras



Figura 8¹⁰: Tamanduá

reserva2.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2Fcerradoeditora.com.br%2Fcerrado%2Fraio-x-mapeamento-inedito-mostra-uso-e-cobertura-do-cerrado%2F&docid=EqHAW7vekDT4EM&tbnid=GlyalwqnyJBrM%3A&vet=10ahUKEwi4p6j9zYTVAhWDI5AKHaoJDpMQMwhvKAgwCA..i&w=3872&h=2592&bih=620&biw=1352&q=cerrado&ved=0ahUKEwi4p6j9zYTVAhWDI5AKHaoJDpMQMwhvKAgwCA&iact=mrc&uact=8

⁹[https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fwww.pensamentoverde.com.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2013%2F10%2F8697863742_19828b572b_z.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2F](https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fs1.static.brasilescuela.uol.com.br%2Fgaleria%2Fimages%2F408e30dba4c3f5790da52907ba9586e0.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2Fbrasilescuela.uol.com.br%2Fbrasil%2Fos-animais-pantanal.htm&docid=E-6jDYnb_o_GtM&tbnid=X_HX5MHWnIfURM%3A&vet=10ahUKEwiRk6yr1o7VAhVJx5AKHUDPDzUQMwg2KBEwEQ..i&w=500&h=350&bih=620&biw=1354&q=animais%20do%20cerrado%20matogrossense&ved=0ahUKEwiRk6yr1o7VAhVJx5AKHUDPDzUQMwg2KBEwEQ&iact=mrc&uact=8)

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê: “Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo”, Sinop, v. 11, n. 25, p. 74-91, junho, 2018.

O Mato Grosso é um estado privilegiado, é o único no Brasil que possui três biomas diferentes e com eles, uma enorme biodiversidade. A floresta Amazônica é o terceiro tipo de vegetação e está localizada no norte do estado. O lado mato-grossense da floresta apresenta clima equatorial quente e úmido, com vegetação densa e mata fechada, típico das florestas tropicais.



Figura 9¹¹: Um recorte da Floresta Amazônica

Bem, esses são alguns espaços da fauna e da flora que revelam parte das imagens utilizadas pelos poetas Manoel de Barros e Pedro Casaldáliga. Eles são bem específicos e se apropriam de uma representação muito marcada geográfica e culturalmente. Ter em mente algumas figuras, imagens e contornos nos auxilia na leitura e fruição da poesia produzida por ambos. Vale lembrar que, “o poema funciona, de fato, como uma caixa de

www.pensamentoverde.com.br%2Fmeio-ambiente%2Fsao-animais-extincao-cerrado%2F&docid=fj1Z9WefyayKWM&tbnid=XXVMLZZFaZfviM%3A&vet=10ahUKEwiRk6yr1o7VAhVJx5AKHUDPDzUQMwguKakwCQ..i&w=640&h=427&bih=620&biw=1354&q=animais%20do%20cerrado%20matogrossense&ved=0ahUKEwiRk6yr1o7VAhVJx5AKHUDPDzUQMwguKakwCQ&iact=mrc&uact=8 – Visitado em 16/07/2017.

¹¹<https://www.google.com.br/search?q=floresta+amaz%C3%B4nica+em+mato+grosso&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjM-uO01I7VAhVBiJAKHTGVAj4QsAQIOQ&biw=1354&bih=620#tbm=isch&q=animais+da+floresta+amaz%C3%B4nica+em+mato+grosso&imgrc=lmLhz8CCKD6eEM>:

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”, Sinop, v. 11, n. 25, p. 74-91, junho, 2018.

mil ressonâncias, onde pulsam cada fonema, cada palavra, cada frase. Como objeto estético, haverá normalmente de ‘singularizar’ de estilizar seu recado, para melhor agilizar, explorar e segurar nossos sentidos. (CORTEZ, RODRIGUES, 2009, p. 60)

A pesquisadora Marinei Almeida destaca a questão do espaço na poética de Manoel de Barros:

O Pantanal, enquanto matéria prima, atravessa quase toda sua produção. [...], esse procedimento já rendeu em Manoel de Barros, por inúmeras vezes, a classificação de “poeta ecológico”, “poeta pantaneiro”, e, na grande maioria das vezes, suas obras constantemente são classificadas como “guia literário do Pantanal”. (2009, p. 55)

Já para Pedro Casaldáliga, o cenário escolhido é a Amazônia, mas aqui o espaço revela contradições e conflitos para que a preservação do meio ambiente amazonense aconteça de fato. Hilda Gomes Dutra Magalhães pondera:

A ocupação da Amazônia Brasileira tem sido, desde o período da Colonização, um processo delicado, resultando numa epopeia na qual as relações de força esmagam os mais fracos, principalmente os indígenas. No século XX, o processo de povoamento da Amazônia reproduz, evidentemente sob escalas diferenciadas, a violação dos direitos e da cultura de seus habitantes, fazendo da história da ocupação da Amazônia brasileira uma série de atentados contra a vida e a cultura dos menos favorecidos, sobretudo dos indígenas. (2001, p. 277)

É dentro desse contexto que a poesia de Casaldáliga se apresenta. Longe de restringir a poética de ambos, entende-se que é importante compreender, mesmo que vagamente, os princípios norteadores que fundamentam a construção das imagens poéticas por eles produzidas, sabendo que há conteúdos e temáticas ainda mais variadas.

Uma breve apresentação: Manoel e Pedro – a constituição das vozes poéticas

Manoel Wenceslau Leite de Barros, nasceu em Cuiabá em 1916 e faleceu em Campo Grande em 2014. Estudou Direito no Rio de Janeiro e tornou-se bacharel em 1941. Publicou seu primeiro livro de poesias, *Poemas Concebidos Sem Pecados*, em 1937, mas apenas décadas de 1980 e 1990, consagrou-se como poeta. Nos anos de 1960, passou a dedicar-se a fazenda na criação de gados.

Pedro Casaldáliga Plá é nascido no Catalão, na Espanha em 1928, é bispo católico radicado no Brasil desde 1968. Desde a sua chegada, dirige a Prelazia de São Félix do Araguaia-MT. Atualmente, está bastante debilitado por conta da doença de Parkinson. Em 2005, Casaldáliga apresentou sua renúncia ao papa João Paulo II, contudo, continua com suas atividades de poeta e de teorizador da Teologia da Libertação.

As vozes poéticas partem de chãos semelhantes, mas de contextos econômicos e culturais bastante distintos. Barros ocupa-se do nada, das tardes vagas, dos olhares para os minúsculos; já Casaldáliga, da luta, do engajamento, do embate social e religioso que produz a manutenção da pobreza e da miséria. Mas, o que os aproxima então? O fazer poético, o trabalho com a linguagem, a singularização.

Chklovski, um dos teóricos do formalismo russo, afirmou sobre o procedimento artístico que caracteriza a linguagem literária: “Em arte, a liberação do objeto do automatismo perceptivo se estabelece por diferentes meios [...]” (1971, p. 45). Ele aprofunda sua explicação: “O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção.” (1971, p. 45)

Esse procedimento de singularização e deslocamento do objeto artístico é que provoca a novidade do significante linguístico, o que gera o efeito de estranhamento no leitor. D’Onofrio ressalta:

A linguagem poética insurge-se contra o automatismo e a estereotipação do uso linguístico, reavivando arcaísmos, criando neologismos, inventando novas metáforas, ordenando de um modo diferente e surpreendente os lexemas no sintagma. Os signos poéticos, mais do que expressarem conceitos, carregam representações sensoriais, através da metrificação, da rima, da assonância, do ritmo, da sinestesia etc. (1978, p. 20)

É por meio desses procedimentos que essas vozes se encontram. Salvatore D’Onofrio ainda amplia a questão da linguagem poética e nos alerta para a abrangência e função da literatura:

Consideramos a literatura como uma forma específica de conhecimento da vida proporcionado pelo arranjo estético do material linguístico utilizado. Esta definição abrange a característica essencial da obra literária (arte da palavra) e sua fundamentação função (visão peculiar

do mundo). Como o significante linguístico é utilizado de um modo diferente, assim os significados ideológicos são interpretados de uma feição toda particular. A verdade da arte não é a verdade da vida, pois o poeta te uma percepção *sui generis* da existência: colocando-se acima das convenções sociais, ele procura a verdade original das coisas, o conhecimento do ser-em-si, oculto pela retificação do mundo. (1978, p. 28)

O ponto de encontro das vozes poéticas de Manoel de Barros e Pedro Casaldáliga está aqui acima posto, a busca pela “verdade original das coisas”, uma forma de conhecimento de si mesmo e do mundo a sua volta. Os significados ideológicos são colocados a partir da experiência particular de cada um, bem como, as imagens e figuras que brotam do contexto em que habitam.

Sendo assim, a partir dessas observações, passemos a seleção dos seis poemas que se colocam como vozes e fazeres poéticos.

A singularização poética: do nada ao tudo

Manoel de Barros anuncia o seu fazer poética das orelhas da obra *Menino do Mato* (2010) e revela seu olhar e a fonte da sua constituição poética:

Eu tenho um ermo enorme bem dentro do olho. Por motivo de ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu devia pular muro de vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

Dáí vem a motivação, as origens e a fonte do fato de Barros escrever. Casaldáliga, também se posiciona:

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”, Sinop, v. 11, n. 25, p. 74-91, junho, 2018.

Como cristão, como sacerdote, a poesia é também para mim evangelização. Canto a palavra de Deus, o Verbo feito carne e histórias humanas. Boa Notícia para os Pobres, pregação eficaz de Libertação. “Cantar em — dizia Santo agostinho — é orar duas vezes”. Pregador em poesia pode ser uma disciplina, pregação, quem sabe... (CASALDÁLIGA, 1989, p. 17)

O menino que aprendeu a brincar com as palavras e o bispo que desafiou a realidade social e cristã de sua igreja. Paul Valéry afirma que o poeta desperta no homem um acontecimento inesperado, como um incidente externo ou interno, como “uma árvore, um rosto, um ‘motivo’, uma emoção, uma palavra.” (2007, p. 210). Nossos poetas provocam esse inesperado em seus leitores por meio da transgressão armada de uma consciência em relação aos modos de agenciamento da linguagem. (DIAS, 2009, p. 126). Há uma reconfiguração na matéria do dizer, um espírito crítico e uma certa ludicidade.

Barros e Casaldáliga buscam, embora por caminhos diferentes: o primordial, as origens e a fonte da poesia, enquanto no primeiro essa busca se configura no absurdo do nada e das coisas pequenas e primordiais como a criança e o chão; no segundo, o mergulho na relação entre o homem e o divino, o fortalecimento de um novo Evangelho pautado nas raízes primordiais do Cristianismo e a voz que não se cala e denuncia as mazelas criadas pelo capitalismo, são as bases do seu fazer poético.

A obra *Menino do Mato* (2010) de Manoel de Barros há duas partes intituladas: 1) Menino do Mato e 2) Caderno de aprendiz. Nessa primeira parte é aberta pela epígrafe: “*O homem seria metafisicamente grande se a criança fosse seu mestre. Sören Kierkegaard.*” (p. 11); daí a inspiração poética para esse setor. Selecionamos o poema II para apresentação e análise:

Nosso conhecimento não era de estudar em livros.
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.
Seria um saber primordial?
Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor
e não por sintaxe.
A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras.
Um dia tentamos até de fazer um cruzamento de árvores
com passarinhos
para obter gorjeios em nossas palavras.
Não obtivemos.
Estamos esperando até hoje.
Mas bem ficamos sabendo que é também das percepções
Primárias que nascem arpejos e canções e gorjeios.
Porém naquela altura a gente gostava mais das palavras
desbocadas.

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”,
Sinop, v. 11, n. 25, p. 74-91, junho, 2018.

Tipo assim: eu queria pegar na bunda do vento.
O pai disse que vento não tem bunda.
Pelo que ficamos frustrados.
Mas o pai apoiava a nossa maneira de desver o mundo
que era nossa maneira de sair do enfado.
A gente não gostava de explicar as imagens porque
explicar afasta as falas da imaginação.
A gente gostava dos sentidos desarticulados como a
conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços de mosca.
Certas visões não significavam nada mas eram passeios
verbais.
A gente sempre queria dar braço às borboletas.
A gente gostava bem das vadiações como as palavras do
que das prisões gramaticais.
Quando o menino disse que queria passar para as
palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram.
A gente se encostava na tarde como se a tarde fosse
um poste.
A gente gostava das palavras quando eles perturbavam
os sentidos normais da fala.
Esses meninos faziam parte do arrebol como
os passarinhos. (2010, p. 11-2)

A metalinguagem neste poema sugere de onde vem a inspiração e o conhecimento para se fazer poesia. O estranhamento se revela na afirmação de que esse fazer não vem dos livros, como comumente se imagina e, sim, da experimentação de uma realidade das coisas através do olhar irreverente de uma criança. A leitura natural do mundo é a fonte do poeta, ele questiona: “Será um saber primordial?”, o poeta se questiona. Para esse tipo de conhecimento faz-se necessária uma certa “peraltagem”, um jogo lúdico que propõe um querer do tipo: “eu queria pegar na bunda do vento”, instaurando estranhamento e humor.

A “vadição” também permite ao eu-lírico se lançar para além das “prisões gramaticais”, quebrando o ordinário da linguagem cotidiana e abrindo-se para o estranhamento e o inesperado. Reafirmando o que foi observado por Ferdinand Saussure de que a linguagem literária seria uma sistema semiótico secundário. (D’ONOFRIO, 1978, p. 15)

Esse processo de transgressão e estranhamento também ocorre na produção poética de Pedro Casaldáliga ao quebrar alguns paradigmas institucionalizados para Igreja Católica por séculos. É o que podemos observar no poema da obra *Versos adversos: antologia*:

E o Verbo se Faz Classe

No ventre de Maria
Deus se fez homem.
Mas, na oficina de José
Deus também se fez classe.
(2006, p. 43)

Ao retomar o texto bíblico e substituir a palavra “carne” por “classe”, o poeta ilustra os ideais da Teologia da Libertação por meio das oposições construídas nos versos. O Deus divino declina-se em humano e também classe; a ação de “fazer” pode ser desdobrada no sentido divino, enquanto atividade sobrenatural, milagrosa, de fé: ventre / Maria / homem; e no sentido humano, enquanto labor, trabalho, realização pragmática: oficina / José / classe. A conjunção adversativa surge como um chamativo que adverte ao leitor da condição humana de Deus, ao lado, do tantas vezes esquecido e até mesmo desprezado José.

O livro das ignorâncias (2008) de Manoel de Barros apresentar uma divisão em três partes: 1) Uma didática da invenção, 2) Os deslimites da palavra e 3) Mundo pequeno. O poema selecionado é o VII da segunda parte:

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio. (2008, p. 15)

Em um paralelo transgressor do bíblico e mítico versículo que inaugura o evangelho de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (Versículo 1:1). No lugar da ordem que se institue como “começo” de um ser organizador e criador e que dá movimento linear para a criação do mundo, o eu-lírico propõe para o universo da criação poética um “descomeço”, uma vez que para se lançar nesse universo é preciso “desaprender” a lógica e a ordem posta como natural. Em oposição a ordem está o delírio, o “delírio do verbo” se dá quando ele muda de função e

quem é capaz de fazer isso com maestria e tranquilidade, tal como o exemplo dado é uma criança. O adulto precisa desapegar da gramática, da lógica e da linearidade das coisas para então poder ler e compreender esse novo olhar sobre o mundo que o cerca.

Na obra *Orações da caminhada* (2005) de Dom Pedro Casaldáliga é uma inovação que gira em torno das temáticas das orações que comumente se faz presente no meio católico. Aqui será apresentada uma ladainha cuja estrutura é fixa e formada por frases curtas de invocação a Deus e aos santos, como forma de penitência ou pedido de perdão, no reconhecimento dos maus atos ou pecados como forma de confissão:

Ladainha penitencial

Por todos os pecados da antiga e da nova colonização
que vêm esmagando, durante séculos,
os povos indígenas da Nossa América,
nós Vos pedimos perdão...
- Perdão, Senhor, perdão!

Pelos pecados da própria Igreja,
tantas vezes instrumento do antigo e novo colonialismo...
- Perdão, Senhor, perdão!

Pelo orgulho e ignorância
com que desprezamos a cultura dos povos indígenas,
em nome de uma civilização
hipocritamente chamada cristã...
- Perdão, Senhor, perdão!

Pela espoliação das terras dos índios
e a destruição da natureza em que eles vivem,
causadas pelo latifúndio
e pelos interesses das grandes empresas
nacionais e multinacionais
ou pelo turismo desrespeitador...
- Perdão, Senhor, perdão!

Pela desumana violência
com que pretendemos transformar
as comunidades indígenas em novas vítimas
de nossa sociedade de lucro e consumo,
a pretexto de uma ilusória integração...
- Perdão, Senhor, perdão!

Pela nossa incapacidade
de descobrir as sementes do Verbo,
as raízes do Evangelho,
na vida simples e comunitária dos povos indígenas...
- Perdão, Senhor, perdão!

Pela falta de solidariedade da consciência nacional,
pela falta de honestidade ou de eficiência
das autoridades responsáveis,
pela omissão da Igreja,
por todos os pecados do povo brasileiro
contra os direitos dos nossos irmãos índios...
- Perdão, Senhor, perdão!

Por pretendermos tantas vezes isolar o problema indígena
do problema global de todos os marginalizados do país,
na cidade e no campo...
- Perdão, Senhor, perdão!

Pela falta de vocações dispostas a se encarnar, como Jesus
na cultura, no martírio e na esperança
dos povos indígenas...
- Perdão, Senhor, perdão!

Pelos que mataram os nossos irmãos
Simão e Rodolfo (Marçal, Galdino, Chicão...),
por todos os que matam, dia a dia,
Os índios, nossos irmãos...
- Perdão, Senhor, perdão!

Por nossa falta de esperança neste mundo novo
que devemos construir,
onde todos os povos serão livres e irmãos,
sendo o vosso Povo, numa TERRA SEM MALES...
- Perdão, Senhor, perdão! (2005, p. 72,73,74)

A ladainha faz parte da estrutura da missa, pertence aos atos iniciais e se evidencia como processo de reconhecimento do pecado, sua confissão para depois receber a bênção, limpo da “sujeira” por ele provocada. Trata-se de um ato simbólico, no qual a comunidade reconhece seus erros e sua natureza pecaminosa e se coloca à disposição para mudar tudo aquilo que foi confessado. Já a “Ladainha penitencial”, parece mais uma denúncia que uma confissão. O maior pedido de perdão gira em torno do povo indígena, as consequências da colonização: o esmagamento, desprezo, orgulho, violência e espoliação das terras dos índios.

Essa oração reconhece também os erros da igreja, sua hipocrisia e sua associação aos poderes locais. A destruição da natureza e o interesse das grandes empresas nacionais e multinacionais vem citados, como também, a exploração desenfreada do turismo para o lucro e o consumo. As “feridas” expostas pela ladainha denunciam toda a forma de exploração do indígena e do ambiente que ele habita, desde hoje até os primeiros tempos da colonização. As consequências do processo colonizador são evidenciadas nos versos:

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”,
Sinop, v. 11, n. 25, p. 74-91, junho, 2018.

“Por pretendermos tantas vezes isolar o problema indígena / do problema global de todos os marginalizados do país, / na cidade e no campo...”.

Na parte três da obra *O livro das ignoranças* (2008) de Manoel de Barros, intitulado “Mundo pequeno”, o poema I foi o selecionado:

O mundo meu é pequeno, Senhor.
Tem um rio e um pouco de árvores.
Nossa casa foi feita de costas para o rio.
Formigas recortam roseiras da avó.
Nos fundos do quintal há um menino e suas latas
maravilhosas.
Seu olho exagera o azul.
Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas
com aves.
Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os
besouros pensam que estão no incêndio.
Quando o rio está começando um peixe,
Ele me coisa
Ele me rã
Ele me árvores.
De tarde um velho tocará sua flauta para inverter os
ocazos. (2010, p. 75)

Nesse poema há um rearranjo do espaço do quintal, da casa, dos rios e árvores que compõem o cenário no qual os seres habitam: árvores, insetos, pássaros, formigas e rãs. O eu-lírico é tomado pelos seres como a rã e a árvore, é a configuração de uma nova esfera de ser, é uma desmitificação do habitual, o vínculo com o real é reinventado. “Enfim, aprender e desaprender são gestos concomitantes, mas ambos criam artifícios na escrita poética para que o desafio de sua leitura seja mais prazeroso.” (DIAS, 2009, p. 133)

Já na poesia de Casaldáliga, o espaço é o do conflito e do embate e no poema selecionado abaixo, a voz do eu-lírico confessa o que foi deixado pelos lugares por onde ele passou:

Confissão do Latifúndio

Por onde passei,
plantei
a cerca farpada,
plantei a queimada.
Por onde passei,
plantei
a morte matada.

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”,
Sinop, v. 11, n. 25, p. 74-91, junho, 2018.

Por onde passei,
matei
a tribo calada,
a roça suada,
a terra esperada...
Por onde passei,
tendo tudo em lei,
eu plantei o nada.
(2006, p. 67)

O eu-lírico confessa suas ações tendo em convivência e amparo a lei que protege a classe dos latifundiários. O paralelismo das estruturas denuncia o movimento “passei” e a ação “plantei”, contudo, o resultado negativo é descrito por meio dos participípios adjetivados que resultam em consonância rítmica da repetição em “-ada”: queimada, calada, matada... até coincidir com o vazio maior do último verso “eu plantei o nada”.

Descaminhos de uma possível conclusão

O objetivo desse trabalho é de evidenciar o possível encontro do fazer poético de dois poetas que tiveram espaços relativamente parecidos mas que reconfiguraram o modo de uso da linguagem, por meio da singularidade e do estranhamento, na promoção de um olhar renovado na matéria de se fazer poesia.

Manoel de Barros e Pedro Casaldáliga transgridem, cada um a seu modo, as convenções estabelecidas dentro de uma tradição poética que vai da exaltação do nada à denúncia dos desmandos e poderes ocultos da sociedade.

A operação poética de ambos se legitima no avesso da tradição, há um descortinar do olhar acomodado para os seres e o mundo que os cerca, mesmo que esses universos sejam diferentes e marcadamente deslocados. Para isso, buscou-se resgatar o contexto de vivência de ambos no Mato Grosso, agora, o Pantanal do Mato Grosso do Sul para Barros e a Amazônia do Mato Grosso, para Casaldáliga. Acreditou-se que o levantamento de imagens, auxilia o olhar do estrangeiro, nesse caso, o público italiano a ficar mais familiarizado com as imagens postas nos poemas dos escritores escolhidos.

Vale ressaltar também que esse estado de comparação, é, até agora, inédito, dentro desse ponto de partida e perspectiva teórica aqui apresentada. Contudo, sabe-se do inesgotável caminho que pode ser percorrido a partir dessa leitura e dessa pesquisa.

Referências:

ALMEIDA, M. Olhar para as “pré-coisas” do mundo em Livro de pré-coisas. In: MACHADO, M. MÂQUEA, V. (Org.) *Dos labirintos e das águas. Barros e dickes*. Cáceres-MT: Editora Unemat, 2009.

BARROS, M. *Menino do mato*. São Paulo: Leya, 2010.

CASALDÁLIGA, P. *Orações da caminhada: Prelazia de São Félix do Araguaia*. Campinas: Verus Editora, 2005.

_____. *Versos adversos: antologia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In: *Teoria da literatura: formalistas russos*. VÁRIOS. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.

CORTEZ, C. Z. RODRIQUES M. H. Operadores de leitura da poesia. In: BONNICI, T. ZOLIN, L. O. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.

DIAS, M. H. M. Espaço e linguagem na poesia de Manoel de Barros: uma constante (des)aprendizagem. *Revista Antares*, Número 1, 2009.

D'ONOFRIO, S. *Poema e narrativa: estruturas*. São Paulo: Duas cidades, 1978.

PRECIOSO, A. L. A voz da resistência na poesia de Dom Pedro Casaldáliga. *Terra Roxa e outra terras. Revista de Estudos Literários*. Volume 21. 2011.

SILVA, R. R. Tempos de libertação na poética de Pedro Casaldáliga. *Revista de Letras Norte@mentos*. Estudos Literários. Sinop, v1. n.1. 2008. (35-49).

VALÉRY, P. *Varietades*. Tradução de Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Illuminuras, 2007.

POETIC MAKES IN MANOEL DE BARROS AND PEDRO CASALDÁLIGA

ABSTRACT

This work has the purpose of divulging the poetic art of two writers who produce in very similar contexts, Mato Grosso do Sul and Mato Grosso, Manoel de Barros and Pedro Casaldáliga, however, apparently, through dissonant voices, the first in evocation of nothingness, superfluity and ignorance, and the second through the bias of social and religious engagement. It is intended to reveal that in the apparent dialectic promoted by the poets, there is a point of consensus between the two, the desire to de-humanize man,

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”, Sinop, v. 11, n. 25, p. 74-91, junho, 2018.

to withdraw him from his routine and to promote a new and enchanted and critical look at himself and the world around you. For this, three poems of each writer of various works were selected so that this approximate dialogue can be presented through the poetic making of each one. This research is part of the partial results in the development of the postdoctoral research started in June 2017, having as supervisor the Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira.

Keywords: Poetics; Manoel de Barro; Pedro Casaldáliga.

Recebido em 16/02/2018

Aprovado em 05/05/2018